

## APRESENTAÇÃO

### Mundos do Trabalho

Clarisse Pereira<sup>1</sup>

Heliene Nagasava<sup>2</sup>

A tradição da temática do trabalho na historiografia não impediu que apenas após 18 anos da sua primeira edição, a Revista Cantareira trouxesse entre suas publicações o seu primeiro dossiê inteiramente dedicado ao tema da História do Trabalho. Esta ausência se torna ainda mais surpreendente quando nos deparamos com a grande procura de pesquisadoras e pesquisadores não só de todo o Brasil, como também de outras partes do globo. De fato, as pesquisas de História do Trabalho e dos Trabalhadores e Trabalhadoras nas últimas décadas vem cada vez mais ampliando seu escopo e seus debates, mostrando que a experiência do homem branco, adulto e operário, que por muito tempo figurou na historiografia como o trabalhador ideal, não é a experiência universal dos mundos do trabalho.

Com um número recorde de artigos submetidos e aprovados, os trabalhos deste Dossiê mostram uma História do Trabalho dinâmica, plural, e que extrapola os grandes centros urbanos e as fronteiras nacionais. Ao mesmo tempo que os temas clássicos da História do Trabalho são revistos com novos olhares, abordagem e fontes, demonstrando a riqueza das pesquisas produzidas e a sua diversidade.

Refletindo os objetos discutidos pela sociedade atual, pesquisas abordando a convergência de classe, raça, gênero, identidade, orientação sexual aparecerem em diversos artigos do Dossiê. A ruptura dos paradigmas que segmentavam as investigações historiográficas entre trabalho e trabalhadores livres e não livres ajuda na formação de um complexo mosaico do Mundos do Trabalho. Dentro dessa seara, destacamos os artigos de Thompson Alves e Antônio Bispo, *Ferreiros, "escravos operários" e metalúrgicos: trabalhadores negros e a metalurgia na cidade do Rio de Janeiro e na microrregião Sul Fluminense (Século XIX e XX)* e de Karina Santos, *Composição de trabalhadores na Fábrica de Ferro de Ipanema (1822-1842)*.

---

<sup>1</sup> Mestra e licenciada em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Desenvolve pesquisa na área de História do Brasil Republicano, atuando principalmente no tema sobre trabalhadores rurais na ditadura civil-militar. Atualmente é doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com bolsa CAPES, e desde 2019 faz parte da Comissão Editorial da Revista Cantareira. E-mail: clarissepereira.snts@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), pesquisadora do Laboratório de Estudos de História do Trabalho (LEHMT/UFRJ) e funcionária do Arquivo Nacional. E-mail: hnagasava@gmail.com

Para operacionalizar o rompimento da separação entre as análises sobre o trabalho livre e cativo, a ferramenta metodológica da interseccionalidade se mostra fundamental para pensar as complexidades do processamento da dominação e opressão de diversos grupos sociais dentro da classe trabalhadora. É o que podemos ver no artigo de Caroline Souza, Giovana Tardivo e Marina Haack, *Localizando a mulher escravizada nos Mundos do Trabalho*, bem como no de Caroline Mariano e Lígya de Souza, *Mulheres úteis à sociedade: gênero e raça no mercado de trabalho na cidade de São Paulo (fim do século XIX e início do século XX)*, que mostram como a análise sobre o lugar social de mulheres escravizadas e os mundos do trabalho pode refinar a análise historiográfica. Ainda sobre a importância da interseccionalidade com o objetivo de pensar os trabalhadores, o artigo de João Gomes Junior, *A "indústria bagaxa": prostituição masculina e trabalho no Rio de Janeiro e na constituição da ordem burguesa* aborda questões sobre a experiência de homens, trabalhadores sexuais que desviam do padrão heteronormativo, como parte formadora da classe trabalhadora carioca do início da República.

A utilização dos processos da Justiça do Trabalho emergiu como importantes fontes documentais há alguns anos e continuam rendendo pesquisas inovadoras: Tatiane Bartmann em *Eles querem menos, elas querem mais: as reivindicações por trabalho na 1ª JCJ de Porto Alegre (1941-1945)* e Vitória Abunahman, *Trabalhadoras ou esposas? Um estudo sobre reclamações na Justiça do Trabalho de mulheres que trabalhavam para seus companheiros na década de 1950*, trazem a luz as reivindicações das trabalhadoras, e Paulo Henrique Damiano, *A Justiça do Trabalho enquanto palco de disputas: entre estratégias e discursos*, e Arthur Barros, Márcio Vilela, Fernanda Nunes, *Marmelada de tomate: as relações de trabalho a partir do "sistema de parceria" na Fábrica Peixe (Pesqueira/PE)*, discutem as diversas estratégias e relações de trabalho a partir da instância judicial.

A cidade e a geografia nos mundos do trabalho se cruzam com diferentes fontes, temas e análises teórico-metodológicas, apresentando uma nova visão sobre o espaço urbano. Sob essa lente, podem ser lidos os trabalhos de Gabriel Marques Fernandes em *A vida urbana em Tudo Bem (Arnaldo Jabor, 1978): a figuração dos "operários" durante a decomposição do "milagre" econômico brasileiro*, de Amanda Guimarães da Silva em *Lavadeiras na cidade: trabalho, cotidiano e doenças em Fortaleza (1900-1930)*, e de Aline Crunivel e Claudio Ribeiro em *Memória, trabalho e cidade: contribuições para o debate contemporâneo sobre o lugar da classe trabalhadora*.

Fora dos centros urbanos, a relação dos trabalhadores rurais, indígenas e migrantes com suas lideranças, com os empregadores e o Estado, suas lutas e representações, são temas dos artigos de Leandro Almeida, *Os comunistas e os trabalhadores rurais no processo de radicalização da luta pela terra no pré-1964*, de Idalina Freitas e Tatiana Santana, *Entre campos e máquinas: histórias e memórias de trabalhadores da Usina Cinco Rios - Maracangalha, Bahia (1912-1950)*, e de Pedro Jardel Pereira, *"A legião dos rejeitados": trabalhadores migrantes*

*retidos e marginalizados pela política de mão-de-obra em Montes Claros /MG, na década de 1930*, e de Eduardo Henrique Gorobets Martins, *As denúncias de trabalhadores indígenas do catequiti no código Osuna durante a visita de Jerónimo de Valderrama na Nova Espanha*.

Temas cânones dos estudos sobre o trabalho, como suas entidades representativas e seus discursos, o contato com o mundo da política, suas estratégias de luta e a organização burocrática, são discutidos sob novas perspectivas teóricas, metodológicas e bibliográficas nos artigos de Bruno Benevides, *“Eu não tenho mais pátria!”: a primeira guerra mundial à luz da propaganda libertária de Angelo Bandoni*, de Igor Pomini, *As Jornadas de Maio de 1937, o antifascismo e o refluxo da Revolução Espanhola*, de Eduard Esteban Moreno, *Manifiestos políticos para la acción del movimiento obrero: Brasil y Colombia durante las primeras décadas del siglo XX*, de Frederico Bartz, *Os espaços da luta antifascista em Porto Alegre (1926-1937)*, de Pedro Cardoso, *A atuação militar contra a greve do Porto de Santos em 1980*, e de Guilherme Chagas, *O corporativismo na construção do discurso da Revista Light (1928-1940)*.

Extrapolando os limites da História e da historiografia e nas suas interseções, o Dossiê também conta com contribuições de distintas áreas das Ciências Humanas e Sociais, o que mostra a importância do diálogo constante e como o tema do trabalho continua provocando discussões interdisciplinares sobre o sistema capitalista e os novos regimes de trabalho e explicação, de acordo com os artigos de Leonardo Kussler e Leonardo Van Leeuwen, *Da alienação em Marx à sociedade do cansaço em Han: fantasia e realidade dos trabalhadores precarizados*, de Evandro Ribeiro Lomba, *As estruturas históricas da formação para o trabalho no sistema capitalista* e de Gustavo Portella Machado, *Entre desemprego e freelance: a atual configuração do mundo do trabalho na cultura a partir da ocupação de produtores culturais como microempreendedores individuais*. Ainda dentro dessa temática, este número também conta com a resenha de Regina Lucia Fernandes Albuquerque sobre o livro de Tom Slee, *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*.

Finalizando o Dossiê Mundos do Trabalho, apresentamos a entrevista concedida pelos professores Paulo Fontes (PPGH/UFRJ) e Victoria Basualdo (COCINET/FLACSO) para as organizadoras, Clarisse Pereira e Heliene Nagasava. Na conversa, os professores discutem suas formações acadêmicas, trajetórias de pesquisa, transformações no campo da história do trabalho e a importância do pensamento e da atuação dos historiadores, em especial os historiadores do trabalho e trabalhadores, fora dos muros da Universidade.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!